



ANAIS

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

XI Colóquio Nacional Cultura e Poder

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

VI Simpósio Regional da ABHR/Sul

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2025

**GT – (GT 1: Interfaces entre Religiões e Política na
Contemporaneidade)**

“Apocalipse nos trópicos’: uma leitura a partir da teologia”

Luana Martins Golin (FTSA) ¹

Resumo: O artigo “‘Apocalipse nos Trópicos’: uma leitura a partir da teologia” analisa o documentário de Petra Costa como chave interpretativa das relações entre religião, política e poder no Brasil contemporâneo. Na primeira parte, apresenta-se o contexto da direção e a motivação que levou a cineasta a explorar a ascensão evangélica no espaço público. Em seguida, discute-se o conceito de Apocalipse no documentário, com destaque para Apocalipse 17. O artigo examina como o filme articula camadas narrativas, experiência pessoal, registros do cotidiano, símbolos teológicos e metáforas políticas para representar a crise democrática. A análise mostra como Petra reinterpreta o imaginário apocalíptico. Apesar das críticas ao estilo e aos recortes adotados, o documentário cumpre função provocativa, convidando ao debate sobre intolerância, democracia e pluralidade religiosa no país.

Palavras-Chave: Apocalipse; teologia; cinema; política; democracia.

INTRODUÇÃO

O documentário de Petra Costa, “Apocalipse nos Trópicos” (2024) tem causado alguns afetos e sentimentos no público. Se por um lado há aqueles que elogiaram e ovacionaram o mais novo documentário da jornalista, por outro lado, há também os que vociferaram e o criticaram como reducionista, estereotipado e com uma visão simplista dos evangélicos, da religião e da política no Brasil. Entretanto, para além da aprovação ou reprovação, as vozes imiscíveis são importantes pois fomentam o debate suscitado pelo documentário. A recepção do documentário gerou no público certo desconforto, inquietude e dissonância.

No intuito de não cair no “senso comum” de propor uma análise mais superficial, a opção foi olhar primariamente para o documentário, sem cair na tentação de trazer para junto dele visões e conceitos prévios, externos ao que se apresenta. Se fosse estabelecido um paralelo literário, no qual o filme corresponderia ao texto, a análise deter-se-ia nele em seu aspecto sincrônico. Sem excluir o contexto de produção e os temas polêmicos evocados pelo documentário, considera-se necessário olhar com atenção e honestidade para a materialidade da obra produzida por Petra.

A partir de então, a análise seguirá o seguinte percurso: em um primeiro momento, será apresentado o contexto do filme e da direção; em um segundo momento, será abordado o

¹ Teóloga, mestra e doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professora na graduação e no mestrado profissional em Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA), em Londrina/PR. Pesquisadora da interface entre religião, teologia e literatura. E-mail de contato: luanamgolin@gmail.com

conceito de Apocalipse exposto no documentário, incluindo as imagens simbólicas representadas; e, por fim, em um terceiro momento, serão discutidas algumas camadas do filme e a inter-relação entre religião, política e poder.

COMO “NASCEU” APOCALIPSE NOS TRÓPICOS?

Quando Petra Costa estava produzindo “Democracia em Vertigem” (2019), ela foi à Brasília para apurar o andamento do impeachment de Dilma Rousseff e recebeu uma Bíblia do Cabo Daciolo, que tentou evangelizá-la. Em entrevista, Petra diz que a partir daquele momento foi como se abrisse um portal, uma escotilha que a fez pensar sobre a ascensão dos evangélicos, principalmente por conta da representatividade deles na bancada evangélica, cerca de vinte por cento do Congresso. Ela, que foi criada num ambiente laico, se chocou ao presenciar religiosos ativos e fervorosos clamando por uma intervenção divina no Planalto Central. Naquele instante, Petra se deu conta que o Congresso Nacional se tornara também um espaço de disputa religiosa.

Eu entrei no Congresso Nacional na véspera do impeachment e fui surpreendida pelo Cabo Daciolo e vários fiéis que estavam com ele abençoando as cadeiras do Congresso, pedindo que Deus instaurasse um governo divino. E eu perguntei: “o que vai acontecer com a democracia brasileira?” E ele falou: “os ímpios vão cair e os cristãos vão governar”. Para mim aquilo foi muito surpreendente, isso acontecer na sede da nossa democracia. E não só isso, em seguida ele me evangelizou, assim como a toda equipe. Ele pediu pra aceitarmos Jesus, e me presenteou com uma Bíblia. Foi como se um portal se abrisse naquele momento, movendo as placas tectônicas, que já estavam mudando embaixo dos nossos pés, e que a gente não estava percebendo.²

De acordo com Passos (2021) Deus e o soberano eleito formam os dois lados de um mesmo regime que pensa céu e terra de modo conectado e professa sempre a origem celestial de todas as empreitadas terrestres. Já não havia separação entre Igreja e Estado.

Petra cita que grande parte dos deputados evangélicos eram adeptos da Teologia do Domínio.

A teologia do Domínio

“Enchei a terra e dominai-a, dominai sobre os peixes do mar e as aves do céu e sobre todo animal que move sobre a terra” (Gn 1.28). Para a Teologia do Domínio, exercer o domínio é uma ordem divina. Por “dominar” entende-se como vontade de Deus que os cristãos

² Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2025/07/15/petra-costa-novo-documentario-apocalipse-tropicos/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 17/08/2015.

dominem e exerçam influência sobre as múltiplas áreas da sociedade. A Teologia do Domínio ou *dominionismo* é um conjunto de ideologias políticas cristãs que defendem que a sociedade civil e suas instituições devem ser governadas por princípios bíblicos, conforme interpretados por comunidades religiosas específicas. O termo se refere a uma leitura literal de passagens bíblicas, daí sua forte relação com o movimento fundamentalista cristão. A Teologia do Domínio defende uma atuação cristã direta sobre o Estado e a sociedade civil. Essa ideologia surgiu no contexto reconstrucionista cristão calvinista nos Estados Unidos, defendendo a aplicação da Lei de Deus como base de governo (Gary North, por exemplo).

Johnny Enlow é um pastor evangélico norte-americano, conhecido por ser um dos principais defensores da chamada Teologia do Domínio. Ele escreveu um importante livro, intitulado “The Seven Mountain Mantle: Receiving the Joseph Anointing To Reform Nations” (O manto das Sete Montanhas: recebendo a unção de José para reformar as nações). Enlow entende que os cristãos/ãs são chamados/as a exercerem influência e autoridade espiritual sobre sete esferas fundamentais da sociedade: 1) religião, 2) família, 3) governo, 4) educação, 5) meios de comunicação, 6) artes e 7) lazer e negócios, no intuito de estabelecer e promover os valores do Reino de Deus no mundo. Os ensinamentos contidos no livro ganharam notoriedade e influência cultural em alguns setores evangélicos do Brasil. Na Teologia do Domínio, Deus assume o papel de Rei e governante, por intermédio de seus ministros. Assim, a divindade também assume um caráter de gestor público, junto de seus aliados. Neste momento, não teremos tempo para discorrer sobre as implicações e as consequências da Teologia do Domínio na atual política brasileira. Mas é importante se valer dela para entender o documentário aqui analisado. Em Apocalipse 17. 8-9, lemos o seguinte:

A *besta* que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição; e os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo) se admirarão, vendo a besta que era e já não é, ainda que é. Aqui o sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são *sete montes*, sobre os quais a mulher está assentada.

A teologia do Domínio está pautada na visão dos sete montes do Apocalipse, na ideia de que os escolhidos de Deus precisam resistir ao domínio da besta. Observamos uma batalha do mal (a besta) contra os que estão do lado do Cordeiro, os eleitos/as, os fiéis de Deus. É neste ponto aqui gostaria de iniciar a análise sobre o Apocalipse.

O APOCALIPSE NO “APOCALIPSE NOS TRÓPICOS”

O livro do Apocalipse já se tornou um texto da cultura. Mesmo as pessoas que não são religiosas já ouviram falar do livro, ou já o viram representado nas artes, na literatura, no cinema, em jogos etc. O imaginário violento e de resistência, da luta do bem contra o mal já se tornou um símbolo cultural. Para alguns, o Apocalipse causa muito medo: caos, poder, sangue, juízo, condenação, profanação, blasfêmia, destruição, ira, fim... Para outros, apesar das imagens chocantes, o livro é também um símbolo de resistência e esperança, pois do caos ressurgirá uma nova ordem... Para aqueles/as que se mantiverem fiéis ao Cordeiro, existe uma esperança de salvação e redenção. Aos eleitos/as, é necessário coragem para enfrentar o mal encarnado.

Antes de seguirmos, gostaria apenas de conceituar o livro do Apocalipse de João na tradição da literatura apocalíptica judaico-cristã.

De acordo com Nogueira (2008), a literatura apocalítica é uma série de textos com características específicas de revelação, produzidos e difundidos no judaísmo entre os anos 200 a.C. e 200 d.C. O meio da revelação é a visão, a abertura dos céus, a comunicação dos anjos. As visões se dão por meio de símbolos, imagens e alegorias, muitas vezes de difícil compreensão. Já o Livro do Apocalipse de João foi o último livro do Novo Testamento e se situa dentro de uma extensa literatura apocalíptica bíblica e extrabíblica³. Isto significa que, apesar de o livro de Apocalipse ter dado nome aos gêneros literários denominados como apocalípticos, ele não é o único que trata deste tema. Dentre as literaturas apocalípticas bíblicas podemos citar o livro de Daniel, bem como trechos do livro de Mateus e da I e II carta de Paulo aos Tessalonicenses.

A palavra “apocalipse” vem do grego *apokalypsis* e significar retirar o véu (daí o termo revelação). Em outras palavras, é como se aquilo que obstruísse a nossa visão fosse retirado, para que pudéssemos conhecer o que estava oculto: “*Revelação* de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, *para mostrar* aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou, e as notificou a João seu servo” (Ap 1.1). A data de escrita deste livro é do fim do reinado de Domiciano (94-95 d.C.), período de difusão da Igreja cristã na Ásia. Acredita-se que muitas das simbologias do Apocalipse sejam alusões e críticas diretas ao culto divino a César. Ele foi escrito durante um período de crise para a igreja, a qual é sugerida pelas inúmeras alusões a perseguições e martírios realizados pelas autoridades romanas. Apesar do livro de

³ Podemos citar como literatura extrabíblica apocalíptica o livro de 1º Enoque. Outros exemplos de apocalipses bíblicos: Is 13, 24-27; Ez 38-39; Sf 1.14-18.

Apocalipse tratar do período final da história, da derrota final das forças do mal, das visões de paraísos bem aventurados e do inferno dos condenados, ele é mais do que um simples manual para se prever o futuro. As perseguições que outrora conduziam a igreja a crises de fé, agora, trazem no livro de Apocalipse a esperança por salvação e juízo de Deus, pois o perseguidor cairá, mas o povo de Deus sempre prevalecerá e não será destruído.

No documentário de Petra, há uma guerra apocalíptica anunciada. Brasília é um símbolo, o lugar da batalha. A democracia está em perigo. De um lado, os “evangélicos”, do outro lado, o poder que ameaça os cristãos/ãs. O documentário não explora ou problematiza os diversos tipos de evangélicos, mas evidencia um tipo mais caricato e específico, daqueles que estão aliados e alinhados com os ideais da bancada evangélica e desejam dominar a política, utilizando-se da religião como instrumento para esse fim. Os correligionários agem em nome de Deus e como agentes do Reino Dele. O que Petra faz na sua leitura/documentário é inverter a lógica do livro do Apocalipse. Para ela, os ditos representantes de Deus, são, na verdade, agentes de destruição da democracia. Eles são o mal em ação. Pensam estar do lado de Deus, mas na verdade atuam como anticristos que desejam, descaradamente, o dinheiro, a fama e o poder, numa espécie de trindade profana⁴. É nesse cenário que Bolsonaro surge como uma espécie de “avatar encarnado” de Silas Malafaia. O ápice dessa batalha foram os ataques do 08 de janeiro de 2023. Se em “Democracia em Vertigem” (2019) a democracia parece “desequilibrada”, como um sintoma de algo que pode causar sua queda, em “Apocalipse nos Trópicos” a queda acontece, o caos se instala, a democracia vai à ruína.

Apocalipse 17

Voltemos à Apocalipse 17. Esse capítulo apresenta a visão da “grande prostituta”, sentada sobre uma besta escarlate cheia de nomes de blasfêmia. A imagem é carregada de simbolismos: A prostituta representa uma grande cidade ou sistema de poder sedutor, que se prostitui com os reis da terra. É descrita como ricamente ornada, mas embriagada com o sangue dos santos. A besta escarlate remete à força política que sustenta essa prostituta. Ela tem sete cabeças e dez chifres, símbolo de poder e reinos. As sete cabeças são apresentadas como sete montes e sete reis, o que, no contexto original, podia aludir a Roma, a cidade das sete colinas e

⁴ Neste ponto lembro-me da crítica feita por Dostoiévski, na parábola do Grande Inquisidor. No texto dostoiévskiano, o inquisidor (representante religioso) se une ao poder temporal (Roma), e deixa de seguir a Cristo. A parábola destaca a tensão existente entre as instituições e o poder. A tentação do poder rejeitada por Cristo (cf, Mt 4.1-11) é acolhida pelo inquisidor, representante de Cristo. Neste caso, o “cristão” inquisidor e defensor da fé se torna um anticristo.

ao seu poder imperial. Os dez chifres representam reis ou reinos que ainda não tinham poder pleno, mas que se uniriam à besta em hostilidade contra o Cordeiro. No julgamento, o anjo explica que a própria besta e os reis se voltarão contra a prostituta e a destruirão, revelando que o poder político é volátil e até contraditório. Por fim, o texto conclui dizendo que a prostituta é a “grande cidade que reina sobre os reis da terra”, uma referência que, para os leitores do século I, soava como Roma. Em resumo: Apocalipse 17 descreve, de forma simbólica, a relação promíscua entre poder político, idolatria e perseguição. A prostituta (cidade/poder corrupto) é sustentada pela besta (força política), mas, no fim, ambos caem diante do Cordeiro.

Em Apocalipse 17, os sete montes são um símbolo do poder imperial. Para Enlow e a Teologia do Domínio, os sete montes viraram uma metáfora para as sete estruturas da sociedade moderna que precisam ser influenciadas e dominadas pelo cristianismo. Portanto, há uma apropriação simbólica: ele desloca o sentido original do texto apocalíptico para propor um projeto de ação cultural e política. Em outras palavras, Enlow usa o símbolo dos sete montes de Ap 17 como base para a “estratégia dos 7 montes” da Teologia do Domínio, reinterpretando um símbolo de opressão (Roma) em um chamado à conquista/domínio cultural cristão. Petra percebeu essa reapropriação simbólica. Em “Apocalipse nos Trópicos” aqueles/as que pensam estar do lado do Cordeiro, na verdade, são agentes da besta. Essa visão ecoa muitos desdobramentos críticos ...

Antes mesmo da estreia do documentário, durante o Festival de Cinema do Rio (em 11/10/2024), Petra comentou sobre a influência que o padre Júlio Lancellotti teve em sua compreensão do Apocalipse.

Durante o debate, Petra Costa avaliou que em sua pesquisa teológica se deparou com uma interpretação do livro de Apocalipse feita pelo padre Júlio Lancellotti que lhe pareceu “muito mais libertadora” do que a tendência que projeta o fim do mundo como uma guerra cósmica do bem contra o mal. “Para ele, a figura da mulher grávida perseguida pelo dragão é muito forte” [Apocalipse 12], recorda a diretora. “Ela está grávida do futuro e o dragão é essa força conservadora que quer matar o futuro. Ela sobrevive ao dragão em sua pequenez e na sua potência, que é estar grávida do futuro⁵.

De acordo com a citação, a mulher e a criança, símbolos da vulnerabilidade, sobrevivem ao atentado do dragão. Dar à luz ao futuro e estar grávida do amanhã são metáforas potentes de esperança. Petra nos faz pensar sobre o futuro da vulnerável democracia brasileira.

⁵ Disponível em: https://www.festivaldorio.com.br/br/noticias/apocalipse-nos-tropiclos-petra-costa-explora-o-juizo-final-da-relacao-entre-igreja-e-estado-no-brasil?utm_source=chatgpt.com. Matéria de João Vitor. Figueira, intitulada: “Apocalipse nos Trópicos: Petra Costa explora o Juízo Final da relação entre Igreja e Estado no Brasil”. Acesso em 18 de agosto de 2025.

À semelhança da mulher e da criança, o futuro da democracia parece ameaçado, senão destruído...

Não podemos deixar de apontar as imagens do Apocalipse de Hieronymus Bosch que aparecem no documentário e o enriquecem simbolicamente e esteticamente. Cada uma das imagens, certamente, mereceria uma análise, contudo, não há tempo de desenvolver aqui. Em resumo, no documentário, o Apocalipse surge como uma categoria de análise simbólica, histórica e sociocultural, não apenas escatológica.

AS CAMADAS DO DOCUMENTÁRIO

O documentário foi pensado em camadas. 1) A camada direta com registros do cotidiano e do poder, com entrevistas e registros políticos e sociais. 2) A camada filosófica/teológica, sobre o que “apocalipse” representa hoje, incluindo imagens de pinturas apocalípticas e leituras simbólicas. 3) A camada metafórica, tendo Brasília como cenário simbólico da democracia em risco, representada como palco do colapso democrático e da conjunção de fé e poder.

É importante destacar que Petra se aproximou desse tema de forma pessoal, motivada por sua experiência e investigação. Os documentários de Petra possuem um estilo com forte caráter ensaístico, articulando narrativas íntimas com questões sociopolíticas, criando uma estética ao mesmo tempo reflexiva, provocativa e emocional.

O documentário é definido como um gênero cinematográfico voltado para registrar e interpretar a realidade, incluindo fatos, pessoas, lugares e acontecimentos. No caso de Petra Costa, tanto “Democracia em Vertigem” quanto “Apocalipse nos Trópicos” transitam entre documentário ou ensaio poético e documentário performático. Petra usa sua voz e subjetividade como fio condutor, mas também dialoga com arquivos e imagens simbólicas (como as pinturas de Bosch). “Apocalipse nos Trópicos” contém uma *narração em off*, ou seja, quando a voz do narrador é ouvida sem que a pessoa que fala apareça na cena naquele momento. Esse tipo de narração não apenas informa, mas cria uma atmosfera e interpreta o sentido das imagens, quase como se fosse uma camada literária sobre o filme. Sua narração é poética, performática, dramática, como um testemunho pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como intuito apresentar um recorte analítico sobre “Apocalipse nos Trópicos”. Longe de esgotar a temática, ele suscita discussões para além dele.

Muitas foram as críticas feitas ao documentário. Seguem algumas delas: 1) Petra Costa insiste em contar a sua história apenas a partir do “eu” e, por isso, não explora outras visões plurais, sendo bastante autocentrada. 2) Grupos, como os católicos ou outras vertentes dos chamados “evangélicos” ficaram excluídos do documentário, que priorizou o grupo de evangélicos pentecostais e neopentecostais. A diversidade interna do campo evangélico é pouco abordada, assim, o filme corre o risco de apresentar uma visão homogênea e fatalista. 3) Análise fatalista e conservadora do Apocalipse. 4) Uso de citações e imagens ilustrativas, sem construir uma análise mais densa. O estilo foi interpretado como excessivamente didático, preocupando-se com a inclusão superficial de conceitos sem aprofundamento. 5) A narração de Petra pode soar como cansativa e, em alguns momentos, pedante. 6) Em que medida a apresentação estereotipada dos evangélicos não pode reforçar a intolerância religiosa?

Apesar das lacunas e das muitas críticas (válidas e necessárias!), o documentário de Petra cumpriu seu papel dissonante, como um chamado ao desconforto e ao incômodo. Seu ponto de vista é legítimo, sua leitura do Apocalipse foi subversiva e atual. Petra não é teóloga, nem cientista da religião, exigir uma análise complexa do fenômeno religioso brasileiro talvez seja esperar muito de quem não se propôs a fazer isso. No fim, percebe-se que a fé pode ser tanto acolhimento e resistência, quanto instrumento de dominação. É preciso se atentar para que o Estado laico, a diversidade religiosa e o debate democrático não se tornem uma agenda política autoritária e monocultural. Em contrapartida, é preciso ter sabedoria para não reduzir a diversidade do campo religioso nacional ao recorte apresentado por Petra em seu documentário, reforçando práticas e estereótipos que promovam mais a intolerância do que o diálogo.

REFERÊNCIAS

PASSOS, João Décio. **No lugar de Deus. Ensaios (neo)teocráticos**. São Paulo: Paulinas, 2021.

NOGUEIRA, Paulo. **O que é Apocalipse**. São Paulo: Brasiliense, 2008. Coleção Primeiros Passos.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Edições 70, 2011.

ENLOW, Johnny. **The Seven Mountain Mantle: Receiving the Joseph Anointing to Reform Nations**. Creation House, 2009.

COLLINS, John J. “O gênero apocalíptico”. In: **A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica**. São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. Edição

revista e atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

PIEPER, Frederico. **Religião e Cinema**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. “O Grande Inquisidor”. In: **Contos reunidos**. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 439-459.

CUNHA Magali do Nascimento. **Coluna Diálogos da Fé**. “Apocalipse nos Trópicos” faz leitura alegórica e conservadora de Apocalipse. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/apocalipse-nos-tropicos-faz-leitura-alegorica-e-conservadora-do-apocalipse-e-dos-evangelicos/>

Acesso em 18/08/2025.

TESSER, Tabata. “Entre santos e vilões: ‘Apocalipse nos Trópicos’ e os estereótipos sobre a fé no Brasil. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/blog/2025/07/17/entre-santos-e-viloes-apocalipse-nos-tropicos-e-os-estereotipos-sobre-a-fe-no-brasil/?srsltid=AfmBOoqF-11FKMcoqvkiE ETF35p3PQWZyYP3eW-Vs3XPkvVhzNH-Rvu>

Acesso em 18/08/2025.

Websites

Brasil de Fato: https://www.brasildefato.com.br/2025/07/15/petra-costa-novo-documentario-apocalipse-tropicos/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 17/08/2015.

Festival de Cinema do Rio: https://www.festivaldoriorio.com.br/br/noticias/apocalipse-nos-tropicos-petra-costa-explora-o-juizo-final-da-relacao-entre-igreja-e-estado-no-brasil?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 18 de agosto de 2025.